

JHULLY-HEVILEY SOUZA DE CASTRO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES
DOCENTES PARA QUALIFICAR O PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

GOIÂNIA

2021

JHULLY-HEVILEY SOUZA DE CASTRO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES
DOCENTES PARA QUALIFICAR O PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges

GOIÂNIA

2021

JHULLY-HEVILEY SOUZA DE CASTRO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES
DOCENTES PARA QUALIFICAR O PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof^a Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges _____
Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof. Convidado: Dr. Rodrigo Fidelis Fernandes Mohn _____
Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____ ()

Goiânia, ___/___/2021

DEDICATÓRIA

Este trabalho eu dedico a minha querida mãe, que contribuiu para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Sem você eu não seria nada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela dádiva da vida.

A minha mãe, Maria da Conceição Sousa Brito, ao meu padrasto Hallanderson Danilo Corrêa e ao meu tio Oberdan Alves Brito, que me incentivaram e me apoiaram nesta intensa caminhada. Meus exemplos de vida, de família, de seres humanos, foram fundamentais para que eu chegasse aqui.

Ao meu namorado, Davi Coelho Alves, que sempre soube entender os meus momentos de ausência, por ser ombro amigo e fiel companheiro.

À minha orientadora, Ma. Zélia Maria Borges, que esteve presente nessa caminhada. Sua orientação durante estes períodos foi fundamentalmente importante para que tudo desse certo.

Ao meu querido avaliador, Dr. Rodrigo Fideles Fernandes Mohn, por aceitar o convite de ler este trabalho. Suas considerações foram extremamente valiosas.

À minha querida amiga Rafaela Cavalcante e as minhas colegas do Curso de Pedagogia, por me ouvirem em momentos de angústia e compartilharem saberes.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-Goiás e, também a todos do Curso de Pedagogia, por proporcionarem, a nós estudantes, aprendizagens que serão levadas para o resto de nossas vidas.

A mim mesma, por não ter desistido e mantido consciência de que este é o melhor caminho.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”. (Paulo Freire)

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
.	
CAPÍTULO 1: O QUE É PLANEJAMENTO: O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	12
1.1 O QUE É PLANEJAMENTO.....	12
1.2 O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	17
CAPÍTULO 2: A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES DOCENTES.....	22
2.1 OS PROJETOS DE TRABALHO: O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	22
2.2 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

RESUMO

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES DOCENTES PARA QUALIFICAR O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jhully-Heviley Souza de Castro¹
Zélia Maria Borges^{2**}

Resumo: Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objetivo compreender a importância do planejamento nas atividades docentes para qualificar o processo ensino e aprendizagem na Educação Infantil. Este estudo fundamentou-se em teóricos especialistas da área, em estudos científicos e tese, desenvolvendo, assim, uma pesquisa bibliográfica com análise qualitativa. Os resultados encontrados indicam que o planejamento é um instrumento que o docente usa para orientar seu trabalho com as crianças. O planejamento possibilita que o professor tenha um plano de ação que futuramente irá se concretizar, contém a definição de um problema, a coleta, organização, registro das informações e avaliação, sempre pensando no ensino e aprendizagem, qualitativo e significativo da criança.

Palavras-chave: Planejamento; Educação Infantil; Docente; Criança; Aprendizagem; Desenvolvimento

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é realizado como exigência da disciplina de Monografia do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Esta Monografia tem por intenção discutir a importância do planejamento na Educação Infantil e nas atividades docentes, para qualificar o processo ensino-aprendizagem nesta etapa da educação. Neste sentido, as discussões no decorrer da Monografia apresentam as concepções do planejamento e respondem os questionamentos sobre a importância do planejamento para o processo de ensino e de aprendizagem da criança.

Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a qual possibilitou a escolha dos autores que tratam dessa temática: OSTETTO (2000), VASCONCELLOS (2000), LIBÂNEO (2013), BARBOSA e HORN (2008) e JESUS e GERMANO (2013). Foi escolhido, como tema principal: A importância do planejamento nas atividades docentes para qualificar o processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil e busca responder de forma clara a pergunta apresentada como problema: qual a importância do planejamento nas atividades docentes para qualificar o processo ensino-aprendizagem da criança na Educação Infantil? A escolha do tema surgiu a partir das experiências no Estágio Supervisionado II. No Estágio vivenciou-se, juntamente com a professora Márcia Helena, as diversas formas de planejar na Educação Infantil e a importância do planejamento para as ações educativas e pedagógicas nos encontros com as crianças, para que acontecesse o processo de ensino-aprendizagem para alcançar os objetivos das atividades realizadas com as crianças.

Apesar de já ter estudado um pouco sobre como elaborar um plano, como planejar determinada ação, foi com os encontros realizados no Estágio Supervisionado II que pude entender melhor os motivos e a importância do planejamento. Através da experiência pôde-se perguntar se o planejamento é realmente de suma importância ou apenas é mais uma exigência burocrática da instituição e dos órgãos de educação, e qual o sentido e significado dessa ação para

o processo de ensino e aprendizagem da criança, bem como em todas as ações do processo educacional e do sistema de ensino.

Para tanto, foi preciso que entendêssemos o que é o ato de planejar e no que ele agrega nas atividades do docente no momento do ensino e da aprendizagem. Visto isso, percebemos que o planejamento é essencial para que os objetivos propostos sejam alcançados com êxito. Como estudante do Curso de Pedagogia da PUC-Goiás, posso dizer que o planejamento será de muita relevância para minhas futuras atividades como docente, pois me levará a ter uma visão mais ampla do que eu pretendo alcançar e como traçar o caminho para seguir, também fará refletir sobre todas as atividades realizadas e se atenderam às expectativas.

Ostetto (2000) afirma que o planejamento não pode ser uma ficha preenchida formalmente, mas, sim, uma atitude de traçar os objetivos a serem alcançados em sala de aula. Ao se planejar o professor deve ser atento a tudo que está acontecendo ao redor dele e para quem ele planeja, deve ter uma visão verdadeira da realidade social, cultural, política e educacional. De acordo com Vasconcelos (2000) o ato de planejar tem que ser consciente. Ao planejar o docente pode, além de traçar seus objetivos, usar seus registros como uma avaliação. O planejamento é um ato crítico e por meio dele pode-se saber se o que foi proposto como objetivo, foi alcançado.

Levando em conta todos os princípios fundamentais do planejamento, pode-se afirmar que ele é de suma importância durante todo o processo de ensino e aprendizagem das crianças e durante o processo de avaliação crítica do professor. Outro autor que faz importantes estudos acerca do planejamento é Libâneo (2013). Ao discutir a importância do planejamento escolar, o autor afirma que ele é um processo de organização, racionalização e coordenação da ação docente, articulada à atividade escolar e a problemática do contexto social. Para Libâneo (2013) todos os envolvidos no processo de planejamento estão ligados ao contexto social, político e educacional. Por esta razão, o planejamento é uma atividade de reflexão das opções e ações; e se o professor não planeja didaticamente o caminho que deve dar ao trabalho pedagógico, este fica entregue aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes.

Neste sentido, esta Monografia tem como principais objetivos compreender a importância do planejamento nas atividades docentes para qualificar o processo ensino e aprendizagem na Educação Infantil; realizar uma pesquisa bibliográfica para eleger os autores que discutem a temática; discutir a partir de alguns autores o

conceito de planejamento; compreender a importância do planejamento educacional para o processo de ensino e de aprendizagem das crianças; apresentar a importância do planejamento docente para a qualificação do processo de ensino e aprendizagem da criança na Educação Infantil.

Com isso, esta Monografia tem seu aporte metodológico na Pesquisa Bibliográfica com análise qualitativa, pois a pesquisa bibliográfica, de acordo com Severino (2013), é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores devidamente registrados. A pesquisa qualitativa é a referência de conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.

Neste sentido, após a pesquisa bibliográfica foi possível eleger os autores OSTETTO (2000), VASCONCELLOS (2000), LIBÂNEO (2013), BARBOSA e HORN (2008), JESUS e GERMANO (2013) para realizar a discussão da temática aqui proposta. Esta Monografia ocorreu através das orientações de forma remota na Plataforma Teams, em razão da pandemia da Covid 19.

Para tanto, está organizada em dois capítulos a saber: no primeiro discute-se o que é o planejamento e o planejamento na Educação Infantil. No segundo capítulo a importância do planejamento nas atividades docentes na Educação Infantil.

CAPÍTULO 1

O QUE É O PLANEJAMENTO: O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo será realizada uma discussão, a partir dos autores, para compreender o que é o planejamento na Educação Infantil, e em que ele pode agregar na rotina do docente para qualificar as ações pedagógicas nesta etapa da educação, sabendo-se que o planejamento é a ferramenta utilizada pelo professor para antecipar futuras ações, organizar, coordenar, refletir e avaliar seu trabalho. Para este estudo, elegeu-se os seguintes autores para a discussão proposta: Ostetto (2000); Vasconcellos (2000) e Libâneo (2013).

1.1 – O que é planejamento

Para Ostetto (2000) planejar não é apenas pensar questões sobre o como e o que fazer, também, principalmente, é uma questão de para que e para quem fazer. Para a autora o planejamento não deve ser confundido com uma ficha preenchida formalmente contendo ideias do que pretende-se fazer em sala. Mas então o que é planejar? Para Ostetto (2000):

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interpretação, de experiências significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma forma! Ao contrário é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica (OSTETTO, 2000, p.177).

Neste sentido, o planejamento é instrumento orientador do trabalho docente, o mesmo marca a intencionalidade do processo educativo. No momento de se redigir o

planejamento o que importa são os princípios e não sua forma, pois a forma de escrever é muito pessoal, alguns docentes precisam de um passo a passo para não se "perder" e outros precisam apenas de tópicos.

Ao elaborar um planejamento o docente necessita ter uma visão de mundo, de criança, de educação e de processos educativos que temos e queremos. Quando se planeja deve-se fazer escolhas: o que incluir, o que deixar de fora, onde e quando realizar determinada atividade, para Ostetto (2000) essas escolhas derivam-se de crenças e princípios.

Ostetto (2000) ainda concebe o planejamento como um processo reflexivo, pois o educador aprende e exercita sua capacidade de perceber as necessidades de cada grupo de crianças. Aprende a encontrar o problema e, assim, superá-los. O planejamento precisa de um olhar atento à realidade.

Outro autor que faz importante discussão e traz grandes contribuições para a discussão sobre o planejamento escolar é Vasconcellos (2000). Segundo o autor o empenho no planejamento tem a ver com a representação do que o professor ou professora tem da relevância de seu trabalho. O planejamento possibilita tomar para si a consciência da Zona de Autonomia Relativa (ZAR), que é o espaço entre limites externos e limites internos. Em análise Vasconcellos (2000) nos diz que os professores que fazem a diferença não são os que esperam o mundo mudar para fazer algo, e sim, professores que, ao mesmo tempo em que o mundo muda, engaja-se na mudança daquilo que lhe é possível dentro da escola. A ZAR configura-se como um espaço possível para se caminhar, e isso passa a acontecer quando o professor toma conhecimento dos limites internos, isto é, limites que temos controles imediatos à docência. No momento de educar, é que é importante mostrar o real sentido/significado de algo ser certo ou errado.

Ao falar de planejamento, Vasconcellos (2000) defende o envolvimento que o professor deve ter com o mesmo, e o seu querer e seu poder planejar. O querer (necessidade/desejo) é dividido em três pequenas partes: a profissão docente, o professor acreditar na relevância de seu trabalho e na necessidade de sua profissão; a mudança, o professor quer realizar algo, mudar a realidade; estar vivo, esse é o ponto de partida para todo o resto do planejamento, e, por último, o planejar, o professor sente que precisa da mediação simbólica para agir e alcançar o que deseja, tem ação e complexidade. Já o poder (vislumbrar a possibilidade) é dividido em duas

partes: a mudança, isto é, o professor acredita que a mudança é possível e tem princípio de esperança e o planejar que exerce a atividade do planejamento, antecipa e realiza a ação antecipadamente. O planejamento é para avançar e qualificar a prática, mas deve-se considerar que a mudança não acontecerá de forma espontânea.

De acordo com Vasconcellos (2000) planejar é para poder mudar. Existem professores que imaginam que planejar é uma maneira de se privarem e que o planejamento não permite a criatividade, mas planejar, na verdade, abre um leque de possibilidades para o trabalho, ou seja, a reorganização de espaços, tempos, recursos, etc., e a criatividade é um trabalho fundamental, todavia, ela exige uma base muito bem preparada, e essa base pode ser oferecida por um planejamento bem elaborado.

Planejar enquanto processo, segundo Vasconcellos (2000), é antecipar mentalmente ações que futuramente serão realizadas com objetivo de atingir determinada finalidade e agir de acordo com o antecipado, ou seja, o professor pensa/imagina, elabora seu planejamento e parte para a ação. Para esse processo é necessário manter o vínculo entre teoria e prática, o que é posto no papel e o que realmente acontece no cotidiano da instituição de ensino. O ato de planejar tem uma série de aproximações com outras práticas, por isso, é importante perceber as diferenças e saber conceituá-los, Vasconcellos nos apresenta claramente os conceitos abaixo:

- Planejar difere da simples imaginação, na medida em que nesta não há o compromisso com a colocação em prática.
- Difere do sonho, do desejo difuso, da mera intenção, visto que prevê passos, sequencia determinada de ação, utilização de recursos, etc.
- O planejamento remete à prática, tem uma relação intrínseca com ela; isto o difere de uma teoria educacional qualquer, por exemplo, que pode ficar em meras elucubrações; além disto, o planejamento se dá em cima de uma ação específica, numa situação bem concreta, enquanto que uma teoria tem um caráter genérico (explica, se aplica a vários objetos ou contextos).
- Difere do relatório (memória), pois apesar deste ter a prática como referência, trata-se de uma prática já realizada, ao passo que o planejamento incide sobre uma ação a ser realizada
- Difere também do predicado, pois está apenas aponta o que está para acontecer com as condições dadas, enquanto que o planejamento é uma forma de intervir e interagir com as condições dadas para que determinadas coisas venham a acontecer.

- Distingue-se ainda do script de uma peça, pois, embora este se refira a uma prática a ser realizada, não há, digamos assim, grau de liberdade: uma vez montada a peça, praticamente nada se altera, vai ser a repetição do mesmo, enquanto que o planejamento, sobretudo o educacional, não pode e não deve chegar a este nível de detalhamento e de amarração segundo a segundo. (VASCONCELLOS, 2011c; 2000, p. 10)

Vasconcellos (2000) afirma que o planejamento não serve somente como base para uma ação futura, ele também avalia a aprendizagem e tem serventia para o registro do processo avaliativo. Esse tópico do planejamento auxilia o professor no momento de observar e avançar seus processos avaliativos, mas as conquistas devem ser registradas totalmente potencializadas, do contrário, podem comprometer todo o processo. Neste aspecto o autor fala do olhar sobre o aluno e registro do processo educativo. Apontarei brevemente sobre cada um, de acordo com Vasconcellos.

O autor faz uma reflexão que deve ser considerada no momento de se planejar, que é um outro olhar sobre o aluno. O professor deve considerar a criança como uma pessoa, como um cidadão, como alguém que é capaz sim de aprender, de melhorar e se superar. O professor não deve julgar ou ter um preconceito perante um aluno ou uma turma, ele deve ter sempre em pauta que todos têm o direito de aprender e conseguem fazer isso. A confiança que o professor tem é transmitida para o aluno, o que leva o aluno a ter uma autoconfiança maior e, conseqüentemente, na sua aprendizagem. Nesse momento o que muda não é a realidade, e sim o olhar que o professor tem sobre o aluno, que consegue enxergar o potencial do aluno, que acredita na capacidade do mesmo.

Outro autor que nos traz muitas contribuições acerca do Planejamento escolar é Libâneo (2013). Segundo o autor o planejamento escolar é uma tarefa que inclui previsões das atividades, em termos de organização e coordenação, em relação aos objetivos propostos no decorrer do processo de ensino, mas é também um momento de pesquisa e reflexão, ligados a avaliação. Neste sentido, de acordo com Libâneo (2013) existem três modalidades de planejamento que são: o plano de escola, o plano de ensino e o plano de aulas, todos articulados entre si.

Sobre a importância do planejamento escolar, Libâneo (2013) afirma que o ele é um processo de organização, racionalização e coordenação da ação docente,

articulada a atividade escolar e a problemática do contexto social. Levando em conta que todos os envolvidos no processo de planejamento estão ligados as implicações sociais, por essa razão o planejamento é uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações; se o professor não planeja didaticamente o caminho que deve dar ao trabalho pedagógico, este fica entregue aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes. Para Libâneo (2013) o planejamento tem as seguintes funções:

a) Explicar os princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente que assegurem a articulação entre as tarefas da escola e as exigências do contexto social e do processo de participação democrática.

b) Expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional e as ações efetivas que o professor irá realizar na sala de aula, através de objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas de ensino.

c) Assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao professor a realização de um ensino de qualidade e evite a improvisação e a rotina.

d) Prever objetivos, conteúdos e métodos a partir de consideração das exigências postas pela realidade social, do nível de preparo e das condições sócio-culturais e individuais dos alunos.

e) Assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente, uma vez que torna possível inter-relacionar, num plano, os elementos que compõem o processo de ensino: os objetivos (para que ensinar), os conteúdos (o que ensinar), os alunos e suas possibilidades (a quem ensinar), os métodos e técnicas (como ensinar) e avaliação intimamente relacionada aos demais.

f) Atualizar os conteúdos do plano sempre que for preciso, aperfeiçoando-o em relação aos progressos feitos no campo dos conhecimentos, adequando-os às condições de aprendizagens dos alunos, aos métodos, técnicas e recursos de ensino que vão sendo incorporados nas experiências do cotidiano.

g) Facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que tarefas professor e alunos devem executar. Replanejar o trabalho frente a novas situações que aparecem no decorrer das aulas. Para que os planos sejam efetivamente instrumentos para a ação, devem ser como guia de orientação e devem apresentar ordem seqüencial, objetividade, coerência, flexibilidade (LIBÂNEO, 2013, p. 1-2).

Neste sentido, o plano é um guia para orientar o professor em suas ações educativas, pois nele são estabelecidas diretrizes e os meios de realização do trabalho docente. O plano deve ter uma sequência progressiva, pois para alcançar os objetivos, são necessários diversos passos de modo com que essa sequência seja lógica. Deve ter flexibilidade no decorrer do ano letivo, pois o professor necessita,

constantemente, estar organizando e reorganizando seu trabalho. O plano é um guia e não uma decisão inflexível:

No momento de se elaborar o planejamento é necessário levar em consideração o tempo variável, é preciso também sempre retornar aos objetivos gerais do plano, pois lá estão contidos a sequência dos conteúdos a serem trabalhados. O planejamento, como já dito, deve ser flexível, pois determinado conteúdo pode fazer com que o docente precise de mais tempo para trabalhá-lo. Nesse momento entra o ato de rever os que se foi trabalhado, com o intuito de avaliar o trabalho já realizado pelo docente (LIBÂNEO, 2013).

1.2– O planejamento na Educação Infantil

Visando ampliar a discussão, apresentamos algumas formas mais comuns de planejamento na prática da Educação Infantil, apontadas por Ostetto (2000) como planejamento baseado em "listagem de atividades", "datas comemorativas", "áreas de desenvolvimento", "áreas de conhecimento" e "temas".

Segundo Ostetto (2000) o planejamento baseado em listagem de atividades é o planejamento considerado mais rudimentar, pois é elaborado na preocupação que o docente tem de preencher o tempo de trabalho entre os momentos de rotina. O professor planeja então uma diversidade de atividades para serem realizadas durante a semana. Como o planejamento é diário, o docente lista possíveis atividades para desenvolver com as crianças, por esse motivo, essa forma de planejar é rudimentar, pois o que define é a necessidade de manter a criança ocupada durante o tempo em que ela está na instituição. Com essa forma de planejar poderíamos assinalar que a criança que nele aparece é uma criança passiva, sem particularidades, sem nada a dizer ou expressar. Sendo assim, a autora afirma:

Nesse sentido, quase não pode ser classificado como planejamento, uma vez que a intencionalidade do educador não está marcadamente definida considerando princípios educativos, muito embora exista por trás dessa prática uma concepção, mesmo que implícita, de criança e educação infantil (OSTETTO, 2000, p.180).

Outro tipo de planejamento, segundo Ostetto (2000) é o planejamento baseado em datas comemorativas e este é direcionado pelo calendário e é organizado considerando algumas datas dadas como importantes pelo adulto, referem-se a datas específicas listadas pelo calendário, assim, no decorrer do ano realizam-se atividades referentes ao Carnaval, ao Dia do Índio, a Páscoa e assim por diante. A escolha das datas é feita conforme a instituição ou o docente julgar relevante para as crianças.

Comumente a escolha da data é sempre ideológica, pois baseia-se numa história única e verdadeira, história essa que privilegia uma visão dominante em detrimento de tantas outras. Quem também lucra com essa forma de planejamento é o comércio, que aproveita a comemoração de determinada data para vender mercadorias, fazendo-se crer que os acontecimentos só merecem ser lembrados e comemorados naquele dia do ano e não em todos os dias (OSTETTO, 2000).

Pela demanda e datas comemorativas os conhecimentos são trabalhados de maneira muito superficial e descontextualizada. Na mesma direção percebemos apenas "dancinhas", "lembrancinhas", "trabalhinhos", normalmente distantes de uma educação reflexiva. Esse tipo de planejamento acaba fazendo com que o educador apenas repita, anualmente, as atividades, pelo fato de as datas serem sempre as mesmas:

Em relação as implicações pedagógicas, essa perspectiva torna-se tediosa na medida em que é cumprida ano a ano, o que não amplia o repertório cultural da criança, massifica e empobrece a capacidade da criança de ir além daquele conhecimento fragmentado e infantilizado (OSTETTO, 2000, p.182).

De acordo com Ostetto (2000) o planejamento baseado em aspectos do desenvolvimento preocupa-se com os aspectos que englobam o desenvolvimento infantil, com isso, várias áreas são contempladas, sendo mais comum os aspectos físico-motor, afetivo, social e cognitivo. Nota-se, então, a preocupação de caracterizar a criança dentro dos parâmetros da psicologia do desenvolvimento. Esse tipo de planejamento é feito com o objetivo de estimular a criança naquelas áreas consideradas importantes.

Essa maneira de planejar parece considerar as particularidades do desenvolvimento infantil, mas acaba por secundarizar e até a desconsiderar questões ligadas a construção do conhecimento, pois toma a existência de uma criança ideal e não leva em conta a criança real (OSTETTO, 2000).

Outra forma de planejamento, questionado por Ostetto (2000) é aquele baseado em temas, o qual busca articular as atividades cotidianas e é como um eixo condutor do trabalho. Essa forma de planejar leva em consideração os interesses das crianças, dando foco a suas necessidades e perguntas. A escolha do tema a ser planejado pode ser sugerida pelo docente ou partir de alguma situação significativa vivenciada pelo grupo de crianças. Desse modo, pode-se trabalhar com aspectos da realidade da criança e os conteúdos são significativos para a aprendizagem.

A escolha do “tema” é o primeiro procedimento do planejamento que, normalmente, segue uma sequência de atividades para a semana relacionada ao “tema”, como por exemplo: Atividade sobre o zoológico, os animais, o bairro, a família, etc. Sempre com um sentido de continuidade. Os acontecimentos em torno do mundo da criança também podem virar temas que geram atividades.

O que Ostetto (2000) percebe em seus estudos é que grande parte dos educadores que fazem seus planejamentos com uso de “temas” acabam fazendo listagem de atividades, ou até mesmo transformando o planejamento em uma “camisa-de-força” onde a instituição destina o mesmo tema para todas as faixas etárias. Ao desenvolver um planejamento com um tema significativo é necessário pensar algumas questões como “aquela problemática é igualmente significativa para as crianças menores, como as de dois anos, como para as maiores, como as de seis anos de idade?” ou “Os interesses serão os mesmos, considerando as diferenças de idade?”. É preciso ter um cuidado da parte do docente no momento de fazer o planejamento por tema, pois podem acontecer eventos semelhantes e podem fazer com que as atividades sejam repetidas mecanicamente.

Um dos últimos planejamentos apresentados e questionado por Ostetto (2000) é o que ela nomeou como “Planejamento baseado em conteúdos organizados por áreas de conhecimento”. Este planejamento considera a instituição como lugar de conhecimento, pois ao mesmo tempo em que a criança se desenvolve ela adquire e transmite conhecimento para os demais, pode-se visualizar como a busca da articulação do ensino posterior. De modo geral, as orientações apontam noções a serem trabalhadas na pré-escola, trabalhando as quatro maiores áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais e Ciências Sociais. Essa maneira de planejar trouxe maior consistência para os trabalhos com “temas”, pois os conteúdos decorrentes dessas três áreas do conhecimento dariam norte ao

trabalho intencional e planejado, para crianças entre quatro e seis anos, visando ampliação do conhecimento da criança.

Sabendo que a instituição de Educação Infantil atende também os bebês, Ostetto (2000) nos apresenta considerações importantes no momento de planejar atividades para eles:

Para mim um “planejamento bem elaborado” no espaço da educação infantil significa entrar na relação com as crianças (e não com os alunos!), mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças. Assim, mais do que conteúdos da matemática, da língua portuguesa e das ciências, o planejamento na educação infantil é essencialmente linguagem, formas de expressão e leitura do mundo que nos rodeia e que nos causa espanto e paixão por desvendá-lo, formulando perguntas e convivendo com a dúvida (OSTETTO, 2000, p. 190).

O planejamento na educação para bebês ultrapassa o pensamento de muitos que planejam, a chamada “hora da atividade. Ao se planejar para bebês devemos nos fazer questionamentos que ajudam a criança a desenvolver suas articulações, suas emoções, sua linguagem, suas expressões, entre outros. O educador deve reviver em si determinadas sensações adormecidas para poder despertar na criança a vontade de descobrir mais e mais sobre o mundo que as rodeia. Vale lembrar que as atividades do planejamento não excluem outros momentos que somam no momento de conhecimento das crianças, a hora do banho, hora do almoço, etc. também são momentos onde a criança troca experiências, cria vínculos e aumenta seu repertório de ações. Ostetto (2000) então nos apresenta um breve conceito do planejamento na Educação Infantil:

Planejar na educação infantil é planejar um contexto educativo, envolvendo atividades e situações desafiadoras e significativas, que favoreçam a exploração, a descoberta e a apropriação de conhecimento sobre o mundo físico e social. Ou seja, nesta direção o planejamento estaria prevendo situações significativas que viabilizem experiências das crianças com o mundo físico e social, em torno das quais se estruturam interações qualitativas entre adultos e crianças, entre crianças e crianças, entre crianças e objetos/mundo físico (OSTETTO, 2000, p. 193).

Neste sentido, para Ostetto (2000) planejar na Educação Infantil é conceber que mais do que a atividade é a criança em foco, é considerar a criança como um ser que tem necessidades e opiniões, e que o planejamento deve ser elaborado levando

em conta que a criança faz parte da sociedade e que pode aprender e transmitir conhecimentos.

Após os estudos realizados neste capítulo, é possível afirmar que o planejamento pedagógico nas atividades na Educação Infantil é a principal ferramenta que auxilia o docente a preparar antecipadamente suas futuras ações. O planejamento deve ser elaborado pelo professor de forma consciente, considerando a criança em seu contexto social, educacional, cultural, possibilitando ao docente reorganizar os espaços, o tempo e os recursos.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NAS ATIVIDADES DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo será realizada uma discussão, a partir dos autores, para compreender a importância do planejamento nas atividades docentes na Educação Infantil. Sabe-se que o planejamento com intencionalidade pedagógica, contribui efetivamente para que as atividades propostas proporcionem, gradativamente, a aquisição dos conhecimentos pela criança. Para esse estudo, elegeram-se as seguintes autoras para a discussão proposta: Barbosa e Horn (2008); Jesus e Germano (2013).

2.1 Os Projetos de trabalho: o planejamento na Educação Infantil

As autoras Barbosa e Horn (2008) nos trazem importantes considerações acerca do planejamento em forma de projetos na Educação Infantil. Segundo as autoras, a vida do ser humano é formada por uma constante elaboração e reelaboração de projetos. Projetamos ações simples como escrever uma carta até ações mais complexas como escolher e aprender uma profissão, ou seja, o projeto é um plano de ação com características e possibilidade de concretização. Projetar, então, tem quatro passos norteadores, sendo eles: decidir o propósito do projeto, realizar um plano de trabalho para sua resolução, realizar o plano projetado e avaliar o trabalho realizado.

O projeto é uma abertura para amplas possibilidades, por antecipar a consciência e usar como base passado e presente, quem projeta pode escolher os meios que utilizará para concretização do que foi projetado. O projeto também

contém, desde o princípio, elementos necessários para fazer os encaminhamentos dos processos de modo a solucionar as questões. No campo da educação, é traçado um plano pedagógico contendo a definição de um problema, o planejamento do trabalho, a coleta, a organização, o registro das informações, a avaliação e a comunicação (BARBOSA e HORN, 2008).

Segundo Barbosa e Horn (2008), todo projeto terá um momento de decisão inicial e avaliação final, porém o seu percurso é articulado pelas crianças e educadores, pois ele é intrinsecamente vinculado às linguagens. O projeto é pensado para ser trabalhado com as crianças e não para as crianças. Os trabalhos realizados com projetos têm a intenção de fazer as crianças pensarem em temas importantes do seu ambiente, eles são elaborados e executados para que as crianças aprendam a estudar, pesquisar, pensar, gerir as aprendizagens e refleti-las coletivamente.

Projetar é como construir um *puzzle* cujas peças estão dentro da caixa, mas não há na tampa o desenho da figura final. Monta-se, tenta-se, procuram-se aquelas que têm conteúdo ou forma semelhantes e, aos poucos, vai emergindo uma surpreendente figura. Os conteúdos são peças do quebra-cabeça e somente ganham significado quando relacionados em um contexto (BARBOSA e HORN, 2008, p. 34)

De acordo com Barbosa e Horn (2008), para que o projeto garanta a aprendizagem é preciso que o currículo seja elaborado de maneira que seja significativo para as crianças e professores, ou seja, não pode ser elaborado de maneira repetitiva. É importante que todos os participantes estejam com corpo e mente envolvidos na questão, tema ou problema colocado em estudo. É também necessário que tenham questionamento por parte das crianças durante o processo, e é importante ressignificar as diferentes formas de interpretar e simbolizar tais vivências por meio de desenhos, expressões corporais e/ou contato com diferentes materiais.

Para Barbosa e Horn (2008), a programação curricular deve ser flexível e para isso é necessário que o professor redefina e construa, de forma sucinta e clara, o objetivo que temos para a Educação Infantil e os conhecimentos que a criança precisa para a sua inserção no mundo. Isso porque muitas vezes essa programação acontece de maneira exagerada e quando se pergunta qual a intenção desse planejamento o

professor não consegue responder, pois o docente desenvolveu o projeto apenas para constar como documentação legal da instituição.

Outro aspecto retratado por Barbosa e Horn (2008) é que o professor deve se atentar que o projeto não deve ser uma listagem de conteúdos que foram definidos arbitrariamente, que vem de uma visão ideal do que seria uma criança e os conhecimentos das áreas. Posteriormente as autoras alertam os professores de um grave problema no momento de planejar, que é o uso do calendário de festividades, ou o que podemos chamar de indústria de festas. O uso do calendário de festas pode transformar os objetivos das práticas pedagógicas em algo supérfluo e sem significado, pois é uma atividade que se repete em todos os anos e que muitas vezes são simplórias. Trabalhar com o calendário de festividade não é errado, mas quando se planeja usando as datas comemorativas é necessário entender como se traduz aquela cultura, e não seguir com histórias que fujam da realidade, ou que desrespeitem a mesma, pois é importante que essas datas tenham uma construção do sentido para a criança. As autoras resumem a ideia em “menos datas, mais significado”, pois o aprofundamento no conteúdo é mais importante do que sua extensão. Neste sentido, as autoras observam:

Outro grave problema que afeta a educação infantil é o calendário de festividades. Alguns meses do ano, as crianças ficam continuamente expostas àquilo que poderíamos chamar de indústria de festas. Elas se tornam objetos de práticas pedagógicas sem o menor significado, que se repetem todos os anos da sua vida na educação infantil, como episódios soltos no ar. Os conhecimentos sobre os conteúdos das festividades são fragmentados e, muitas vezes, simplórios. [...] Muitas escolas também estão permanecendo querendo agradar aos pais e entram nesse “barco” da sociedade de consumo: é preciso comemorar o dia do amigo, da família, das avós, das mães, dos pais, do coelho e do Papai Noel... É claro que manter tradições culturais, cívicas e/ou religiosas é algo fundamental para as crianças pequenas e precisa constar no currículo, mas o importante é a construção do sentido (real e imaginário) dessas práticas e não apenas a comemoração. Portanto, menos datas, mais significação. É possível afirmar que, para o desenvolvimento de um projeto, o que se faz é uma opção pelo aprofundamento dos conhecimentos e não pela extensão dos mesmos (BARBOSA e HORN, 2008 p. 39-40).

As autoras afirmam que para o trabalho com projetos aconteça é preciso que ele parta de uma situação real: “Os projetos propõem uma aproximação global dos fenômenos a partir do problema e não da interpretação teórica já sistematizada

através das disciplinas” (BARBOSA e HORN, 2008, p. 40). As autoras acreditam que existem dois tipos de conhecimento que fazem o projeto funcionar, sendo eles o conhecimento do professor e o conhecimento das linguagens, outra questão importante é que é preciso compor o currículo com as necessidades que o professor observou nas brincadeiras das crianças e outras manifestações não verbais e em manifestações diretas e imediatas.

As aprendizagens nos projetos acontecem a partir de situações concretas, das interações construídas em um processo contínuo e dinâmico. Nesse entendimento se afirma, se constrói e desconstrói, se faz na incerteza, com flexibilidade, aceitando-se novas dúvidas, acolhendo-se a curiosidade, a criatividade que perturba e que levanta conflitos. A ordem em que esses conteúdos serão trabalhados, o nível de profundidade, o tipo de abordagem serão definidos pelo processo de trabalho cooperativo do grupo (adultos e crianças). Quais serão os conteúdos e como o ensino será desenvolvido somente saberemos ao longo do percurso definido por cada grupo. Portanto, o planejamento é feito concomitantemente com as ações e as atividades que vão sendo construídas “durante o caminho”. Um projeto é uma abertura para as possibilidades amplas e com uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, criativos, ativos, inteligentes acompanhados de uma grande flexibilidade de organização (BARBOSA e HORN, 2008, p. 42),

Segundo as autoras, desenvolver uma programação não é estabelecer uma ordem linear, com causas e efeitos, com antes e depois ou que passe da desordem e desorganização para organização. Nesse modo de educar as crianças devem ser vistas como sujeitos que têm teorias próprias sobre o mundo e seu funcionamento, por essa razão, quando o professor construir um projeto ele deve se atentar a construção de novos conhecimentos que partam de concepções anteriores, as autoras utilizam da metáfora “portas que vão se abrindo”, pois saem de um lugar e se encaminham para novos e singulares rumos.

Ao elaborar um projeto deve-se considerar que as crianças já sabem sobre o tema que será trabalhado, que já existe um conhecimento prévio. Nessa dimensão o professor, deve preocupar-se em aprofundar a temática a ser focalizada, e então, poderá fazer a adequação das atividades planejadas, bem como os recursos e materiais que darão suporte para a aprendizagem. Esse processo criativo permite ricas relações entre o ensino e a aprendizagem, relacionando o que sabe com o que é novidade, pois conforme avançamos nas pesquisas e atividades construídas, podemos navegar em diversas áreas do conhecimento (BARBOSA e HORN, 2008).

Segundo as autoras Barbosa e Horn (2008) nem sempre os projetos terão a mesma estrutura, pois sua elaboração dependerá do tipo de problema proposto, das experiências prévias do grupo e das possibilidades concretas da escola, dessa forma, o projeto deve garantir essa estrutura mutante e inovadora ou se tornará um modo repetitivo e singular. O fato de o projeto não ser uma estrutura rígida e nem predeterminada, alguns educadores sentem certa insegurança ao trabalhar dessa maneira.

A postura pedagógica implicada nessa abordagem provoca muitas vezes insegurança aos educadores, já que eles não podem ter, desde o primeiro momento, o mapeamento do projeto como um todo, pois este será elaborado paulatinamente pela ação, pela avaliação e pelo replanejamento. Essa construção envolve a participação tanto dos alunos quanto do educador, na medida em que as decisões e os encaminhamentos emergem das motivações do grupo, dos materiais e recursos disponíveis, das portas que se abrem - possibilitando novos embates, novos problemas, novas soluções - e, principalmente, do estudo aprofundado que os professores realizam acerca da temática a ser estudada (BARBOSA e HORN, 2008, p. 54).

Segundo Barbosa e Horn (2008) a pedagogia de projetos é um meio interessante em termos de organização pedagógica, porque contemplam uma visão multifacetada dos conhecimentos e informações, dando abertura para um processo criativo dos alunos e professores. Sabendo que os projetos não seguem sempre a mesma estrutura, as autoras apresentam as bases para o funcionamento da estrutura do projeto que são a definição do problema, o mapeamento dos percursos, a coleta de informações, a sistematização e reflexão sobre as informações coletadas e a documentação e comunicação.

Para o momento da definição do problema, as autoras Barbosa e Horn (2008) falam que, para que o tema do projeto seja escolhido pode-se usar indagações realizadas pelas próprias crianças, mas, também, podem ser apresentadas pelo professor, pelos pais ou pela comunidade. Para saber se o tema/problema é realmente relevante, precisamos ver se ele causa agitação e desperta a curiosidade na mente das crianças.

É igualmente importante fazer uma boa constituição, uma especificação e um recorte; afinal, a exposição do problema não resolve por si só a questão, porém auxilia a encontrar caminhos para a sua resolução. Assegurar que, desde o princípio, os elementos necessários para encaminhar o processo de solução das questões estejam claros é fundamental. Os projetos sempre contêm um problema: se o projeto é escrever uma peça teatral, os alunos

aprenderão não como um exercício formal, mas como a elaboração de uma obra coletiva a ser apresentada para o público. O trabalho de projetos reage contra o verbalismo, os exercícios de memória, os conhecimentos acabados, colocando os alunos em condições de adquirir, investigar, refletir, estabelecer um propósito ou um objetivo (BABRBOZA e HORN, 2008 p. 54).

No momento de mapear os percursos, Barbosa e Horn (2008) observam que o grupo deve dar continuidade ao trabalho com a organização das situações, nesse momento as crianças levantam propostas, organizam listas, quadros, entre outros, para delinear-las como um mapa conceitual. Esse esquema, produzido coletivamente, é a base do planejamento, nele acontecerá a distribuição do tempo, será feita a verificação dos recursos humanos e materiais, a distribuição do tempo, e após isso, acontece a construção de um mapa de responsabilidades. Esse momento também pode ser utilizado como parâmetro de avaliação. Para a realização dessa parte do projeto as autoras alertam que o professor tem algumas responsabilidades, independente do trabalho com as crianças:

É importante ainda salientar que cabe ao professor, independentemente do seu trabalho junto às crianças, articular esse tema com os objetivos gerais previstos para o ano letivo. Também cabe a ele realizar uma previsão dos conteúdos que podem vir a ser trabalhados, atualizar-se em relação ao tema, discuti-lo com os outros educadores da escola, ampliar os conhecimentos e fazer novas propostas de trabalho para o grupo (BARBOSA e HORN, 2008, p. 56).

Segundo Barbosa e Horn (2008), apesar do início do trabalho partir de situações significativas e concretas da vida das crianças, um de seus objetivos deve ser ajudar as crianças a se afastarem de si mesmas, para que ela consiga mergulhar em um mundo de significados gerais. As autoras completam dizendo que é nesse momento que se reponde questões como, o que precisa ser feito? como o trabalho pode ser desenvolvido? Como obter materiais? Como serão distribuídas as responsabilidades? Mas o planejamento não fica pronto no momento inicial, pois é flexível a mudanças.

As autoras ressaltam que é no momento de coleta de informações que o grupo, como um todo, busca informações externas e em diferentes fontes. As informações podem ser obtidas de qualquer fonte, e para que sejam seguras, o espaço e ambiente devem ser organizados com e para as crianças, já que muitas ainda não são leitoras experientes. Ao lado disso, as informações também podem vir da comunidade, em

especial os responsáveis pela criança, e é importante que a escola os mantenha informados sobre os trabalhos que estão sendo realizados. Essa comunicação pode ser feita por meio de reuniões, bilhetes, cartazes fixados na sala ou na entrada da escola. As autoras lembram que o planejamento do projeto deve ser revisto continuamente, pois imprevistos podem surgir e devem ser solucionados, e o acompanhamento do professor é fundamental.

Dando continuidade à coleta de informações, vem o momento de pensar em maneiras de sistematizar, ou seja, registrar. É preciso escolher o que deve ser registrado, selecionar e reelaborar as partes significativas que se destacam. Essa sistematização pode acontecer por meio de registros gráficos ou plásticos que os alunos vão realizando ao longo do processo. Esse momento pode ser usado para constituir na memória do projeto e pode servir como fonte de consulta para as crianças (BARBOSA e HORN, 2008).

Segundo as autoras Barbosa e Horn (2008), após a coleta de informações é o momento de sistematizar e refletir sobre as informações coletadas. É nessa etapa que são formuladas diferentes hipóteses, selecionam e coletam matérias e evidências, as mesmas são planejadas, registradas e transformadas em experiências sob forma de diferentes linguagens. Nesse momento todos os tipos de atividades são válidos, podendo elas serem criação de jogos, a marcenaria, a música, os desenhos, entre muitos outros.

Após a investigação, os momentos coletivos se fazem necessários, pois a variedade de elementos trabalhados ao longo do projeto será reinventada. É aqui que se desenvolve a habilidade de coordenar e interpretar as ideias e para isso, as crianças apresentam o material coletado e podem fazer comparações, conclusões e relações entre as informações. Juntamente a isso, é necessário fazer escolhas sobre o que será registrado, como esse registro será feito, selecionar, reelaborar e construir algo codificado do que foi pesquisado. Para registrar e depois comunicar o que foi conhecido, precisa-se conhecer diferentes formas de narrativas e o uso de recursos:

Os projetos criam estratégias significativas de apropriação dos conhecimentos que podem ser continuamente replanejadas e reorganizadas, produzindo novos e inusitados conhecimentos. Com frequência, é a partir desses momentos que o educador e as crianças propõem novas perguntas e caminhos a seguir com trabalhos individuais, de grupo ou grande grupo. Este é, portanto, um momento em que os enfoques socioafetivos e sociocognitivo estão sendo privilegiados por meio das interações e do diálogo. Nesse processo, todos têm uma implicação ativa: cada integrante

do grupo e também a professora são atores de um trabalho eminentemente cooperativo (BARBOSA e HORN, 2008, p. 63).

As autoras Barbosa e Horn (2008) apresentam, então, o último momento, que é documentar e comunicar os resultados do projeto. Nessa fase, os trabalhos realizados formam uma memória pedagógica e servem como fonte de consulta para as demais crianças, e por isso, é importante que o educador use diferentes linguagens para organizar as informações com uma diversidade de enfoque. Em cada finalização de projeto surgem novas dúvidas e elas podem ser usadas para encaminhar novos projetos. A avaliação dos trabalhos é feita nesse momento, onde acontece o reencontro com o problema levantado inicialmente e o que foi realizado, ou seja, se o objetivo foi alcançado.

Barbosa e Horn (2008) reafirmam que, quando trabalhamos com projetos não existe uma única estrutura a ser seguida e nem existe um modelo predeterminado, com isso, os projetos são planejados, significativamente, de maneiras diferentes para crianças que frequentam a creche e para crianças que frequentam a pré-escola.

2.2 A importância do planejamento nas atividades docentes na Educação Infantil

As autoras, Jesus e Germano (2013), trazem considerações acerca da importância do planejamento na Educação Infantil. Segundo as autoras o ser humano é produto do momento histórico, social e cultural no qual está inserido, dessa maneira, pode-se considerar que seu desenvolvimento é resultado do seu processo de aprendizagem, assim, entende-se que a interação que a criança tem com outros indivíduos e com o meio é verdadeiramente importante, portanto, quanto maior a diversidade de atividades propostas, mais rica será a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

A participação do docente no processo de aprendizagem é imprescindível, pois, o mesmo será o adulto facilitador que deverá apresentar situações diversas, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos emocional, físico, psicológico, cognitivo e cultural.

Segundo as autoras, Jesus e Germano (2013), o planejamento na Educação Infantil possibilita que o professor encontre soluções que o levarão a diagnosticar avanços no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social e encontrar as dificuldades das crianças, tanto em grupo quanto individualmente. No momento de planejar o professor deve levar em consideração as especificidades das crianças, pois cada uma tem sua própria visão do mundo.

Sabendo que o planejamento é uma sequência de ações para serem seguidas, o professor deve planejar essas ações de maneira com que ele consiga demonstrar os objetivos e identificar se os mesmos foram ou não alcançados com êxito, considerando também a possibilidade de alterações no plano para que o processo de aprendizagem da criança se torne mais enriquecedor.

De acordo com as autoras, Jesus e Germano (2013), no momento em que o professor for incluir os objetivos no planejamento é exigido que ele tenha embasamento teórico e científico, pois assim, o professor conseguirá projetar atividades que garantirão uma aprendizagem enriquecedora. A bagagem teórica do docente irá possibilitar a compreensão do desenvolvimento infantil, de como é a formação e a educação, e dará também sentido para suas ações. Os estudos de teorias e concepções vão condicionar a liberdade na prática do docente que atuará com intencionalidade e conhecimento de suas ações, planejando uma rotina flexível, mas que dará condições para o desenvolvimento da criança.

Diante disso, as autoras, Jesus e Germano (2013), afirmam que a formação teórica do docente oferece elementos mediadores que podem concretizar suas ações, e que ajudarão o professor a promover a construção de novas capacidades psíquicas da criança, o que contribuirá para o seu desenvolvimento superior e gradual. As autoras chamam atenção para a necessidade do professor ser preparado para atuar, pois não basta que ele goste de crianças ou que seja uma pessoa carinhosa, somente esses fatores, por mais que sejam importantes, não são suficientes. O fator assistencial, que se refere ao ato de cuidar, alimentar, dentre outras necessidades, deve estar entrelaçado ao desenvolvimento integral da criança:

O professor, ao ter como objetivo oferecer experiências diversificadas, a fim de contribuir para o desenvolvimento infantil precisa aproveitar todos os momentos, inclusive os de cuidados, para então estimular e pacientemente apresentar a criança novas formas de pensar, de modo que ela desenvolva suas máximas capacidades humanas (JESUS e GERMANO, 2013 p. 33).

O docente deve saber identificar como a criança enxerga a sua realidade e como se relaciona com a mesma, o planejamento é a ferramenta que o professor utiliza para fazer mediações e intervenções essenciais no desenvolvimento da criança, a fim de torná-la capaz de pensar, raciocinar, perceber, refletir e observar, para que a criança consiga atingir sua autonomia, construir seu conhecimento e aprimorá-lo.

As autoras, Jesus e Germano (2013), afirmam que o professor da Educação Infantil é o principal adulto participante do processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, e ele deve ter consciência de suas ações, de sua atuação e da sua importância na vida da criança, por essa razão, o docente deve ter uma formação qualificada, ter intencionalidade em suas ações, saber planejar e organizar com uso do tempo e espaço, a fim de aprimorar o desenvolvimento das crianças. Diante dessas informações, faz-se necessária a compreensão acerca da importância do planejamento, buscando qualificar a aprendizagem na Educação Infantil.

O planejamento é a possibilidade de programar as atividades na qual o docente pretende realizar, ao planejar o docente caracteriza suas ideias, que serão concretizadas diariamente nos encontros com as crianças. Segundo Jesus e Germano (2013), o planejamento, na Educação Infantil, assume melhores condições para que a criança adquira determinadas habilidades, favorecendo, assim, seu desenvolvimento em todas as capacidades. Esses fatores tornam o planejamento indispensável para a concretização do trabalho do docente na Educação Infantil, já que é a partir do ato de planejar que o professor consegue determinar os caminhos até onde ele pretende chegar: seus objetivos e suas metas.

Sabendo que o planejamento deve ser flexível, as autoras reafirmam que o ato de planejar vai exigir uma preparação do professor, para que o mesmo consiga lidar com diversas situações que podem ocorrer no decorrer dos passos planejados, podendo essas situações serem previstas ou não. Como já dito anteriormente, o planejamento deve conter atos intencionais que visem o desenvolvimento integral da criança, sendo assim, ele será uma ferramenta que permitirá que o professor tenha uma previsão do que acontecerá nos encontros com as crianças, desse modo o planejamento será o instrumento que irá orientar a prática docente e servirá também como objeto de reflexão dos trabalhos realizados.

Segundo as autoras Jesus e Germano (2013), o planejamento muitas vezes é visto como uma rotina, na qual deve ser seguida passo a passo, ou é entendido como um documento que o docente guarda até o momento que alguém necessite dele, mas, na realidade, nenhuma dessas concepções contemplam o real significado do planejamento, pois o planejamento não deve ser rígido e nem permanece guardado. Nesse sentido, o planejamento é considerado uma ferramenta que auxilia o docente a organizar um ensino de qualidade.

Após os estudos realizados neste capítulo é possível afirmar que o planejamento pedagógico das atividades na Educação Infantil é fundamental no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança, visto que ele qualifica a ação do(a) professor(a), bem como contribui efetivamente na formação cultural, afetiva, emocional, cognitiva, enfim, na formação integral da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de Monografia buscou estudar vários autores para compreender a importância que tem o planejamento nas atividades docentes, para qualificar o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. Dessa forma, procurou-se neste estudo destacar a importância do planejamento nas atividades docentes, levando em consideração ser este o elemento mais importante para que a aprendizagem e o desenvolvimento da criança ocorram de forma integral. O ser humano está constantemente planejando e replanejando suas ações, planeja desde a sua lista de compras no supermercado até a escolha da carreira profissional. E com o docente não é diferente, as boas práticas durante os encontros com as crianças se mostram qualitativas justamente por terem sido planejadas, a partir de uma reflexão sobre a prática que será empreendida.

Este trabalho possibilitou apresentar caminhos que podem ser seguidos quando o docente planeja suas ações na Educação Infantil, pois mesmo que o planejamento deva ser flexível, ele precisa conter determinadas bases em sua construção, como, por exemplo, a problemática, os objetivos a serem alcançados, os caminhos que serão seguidos para o alcance dos objetivos e a avaliação/reflexão do trabalho realizado. O planejamento em forma de projetos, é outra modalidade de planejamento que pode se estender por um período mais longo e se encaixar com o tema que será trabalhado pelo docente, juntamente com as crianças. O projeto, assim como o planejamento, pode partir de situações vivenciadas pelas crianças ou por sugestão dos docentes, ou da comunidade.

Após muitos estudos sobre o que é o planejamento, qual sua importância e como elaborá-lo, chega-se à conclusão da relevância do planejamento nas atividades docentes na Educação Infantil, para o processo de ensino e a aprendizagem da criança de forma qualitativa. Sabendo que o planejamento é uma ação que será empreendida intencionalmente, o docente precisa levar em consideração que essas ações devem ter como principais objetivos o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo, afetivo, cultural e social, sendo isso o desenvolvimento integral das crianças.

Portanto, o planejamento é o instrumento orientador do trabalho docente e o que importa não é sua forma e sim seus princípios, para que e para quem se planeja. Ao planejar o professor necessita ter visão de mundo, de educação e de processos educativos que têm ou deseja, sendo um processo de escolhas e reflexão. O planejamento é a representação da relevância que o professor tem do seu trabalho, e ele possibilita que o docente reorganize os espaços, o tempo e os recursos que têm disponível.

Para que o planejamento contribua para um ensino e aprendizagem qualitativo das crianças, o professor que o faz, precisa ter conhecimentos teóricos, científicos e práticos. Também, deve considerar a criança como uma pessoa, um cidadão, um sujeito, visto que ela é o foco do planejamento e tem a capacidade de aprender e transmitir conhecimentos, podendo melhorar e se superar.

Após os estudos realizados nesta Monografia, concluiu-se que o planejamento possibilita as melhores condições para que o trabalho pensado pelo professor se concretize com êxito, desde que em sua elaboração ele tenha como principal objetivo o ensino e aprendizagem com intencionalidade qualitativa e significativa para a criança. Ao planejar o docente deve pensar em atividades que estimulem as crianças a pensarem, pesquisarem, estudarem as atividades, considerando-as como sujeitos com experiências próprias e suas especificidades.

As principais bases de um planejamento são a definição do problema, o plano de trabalho, a coleta, a organização, o registro das informações, a avaliação e a comunicação, ou seja, o planejamento permitirá que o professor tenha uma previsão do que acontecerá, e é o instrumento pelo qual deve acessar para avaliar o trabalho realizado com as crianças, para que ocorra sua aprendizagem e desenvolvimento de forma integral.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

JESUS, Digiane Amorim Dermiro de; GERMANO, Jéssica. **A importância do planejamento e da rotina na educação infantil**. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/A%20IMPORTANCIA%20DO%20PLANEJAMENTO%20E%20DA%20ROTINA%20NA%20EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **O planejamento escolar**, [s. l.], 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4452090/mod_resource/content/2/Planejamento%20-%20Lib%C3%A2neo.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco**. *In*: ENCONTROS e Encantamentos da Educação Infantil. 4. ed. Campinas - SP: Papirus Educação, 2000. cap. 10, p. 175-200.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Teoria e prática científica**. *In*: METODOLOGIA do trabalho científico. São Paulo -SP: Cortez, 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento Escolar. **Planejamento Escolar**, [S. l.], p. 1-22. Disponível em: http://www.janehaddad.com.br/arquivos/Celso_planejamento_escolar.pdf